

AS METODOLOGIAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA E OS PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM: A QUESTÃO DA APATIA.

GEOGRAPHY OF TEACHING METHODS AND LEARNING PROBLEMS: THE QUESTION OF APATHY

Marlene Pereira Barros da Silva Mendes

Minicurrículo

Especialista em Docência Superior pela Faculdade Evangélica do Meio Norte (FAEME) e em Mídias na Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora da Educação Básica pela Secretaria de Estado da Educação/SEDUC-PI. E-mail: recife76@hotmail.com

Andréa Lourdes Monteiro Scabello

Minicurrículo

Bacharel e Licenciada em Geografia (USP), Mestre em Arqueologia (USP) e Doutora em Ciências, com área de concentração em Geografia Física (USP), Especialização em Ciências Sociais (FESPSP), Licenciatura em Pedagogia (com ênfase em gestão ambiental), Professora Adjunta da Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Piauí. Experiência na formação de professores, educação patrimonial e ambiental. E-mail: ascabello@hotmail.com

RESUMO

No presente investigaram-se as Metodologias de Ensino de Geografia aplicadas pelos professores do 9º ano do Ensino Fundamental, da Unidade Escolar Desembargador Robert Carvalho Freitas, localizada na Zona Norte de Teresina-PI. Partiu-se do pressuposto de que o desinteresse e a apatia dos estudantes pela Geografia podem estar associados ao caráter mnemônico dado às metodologias de ensino tradicionais. A metodologia adotada foi à pesquisa de campo (quali-quantitativa), subdividida em três etapas básicas: levantamento bibliográfico, que serviu de embasamento teórico para a proposta em questão; trabalho de campo, procedimentos metodológicos (observação direta, informações obtidas em caráter informal, técnicas de entrevista e aplicação de formulário); por fim, tabulação e análise dos dados coletados. A análise dos dados coletados sinalizou para um cenário preocupante em que predomina o uso de metodologias de ensino pouco motivadoras de aprendizagem, persistindo, ainda, um ensino calcado nos métodos tradicionais. Mas esse não foi um dos maiores vilões, o que se descobriu é que a falta de acompanhamento dos pais, a condição socioeconômica e a fobia de não conseguirem melhores oportunidades profissionais, com a

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica.
Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

promoção para o Ensino Médio e a continuação dos estudos, afetam o aprendizado destes alunos e dificultam o trabalho em sala de aula que se compete 'apenas' às metodologias.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Problemas de Aprendizagem. Apatia. Escola Pública.

ABSTRACT

The present study has investigated the methodologies of the geography teaching applied by the teachers at 9th grade of the Elementary School, from public school *Desembargador Robert Carvalho Freitas*, located in the north area of Teresina-PI. The assumption the indifference and apathy of students in geography may be associated with mnemonic character given to methodologies of traditional teaching. The adopted methodology was to field research (qualitative and quantitative), divided into three basic steps: literature which served as the theoretical basis for the proposal in question; fieldwork: methodological procedures (direct observation, information obtained informally, interview techniques and application of form); finally, tabulation and analysis of the collected data. The analysis of the collected data signaled a worrying scenario in which still dominates the use of little motivating teaching methods of learning, held on traditional methods. But it is not one of the greatest villains, which was discovered is that the lack of parental monitoring, socioeconomic status and the phobia of failing to better career opportunities with promotion to high school and continuity education affect their learning and hinder the work in the classroom, which methodology is one responsible.

Keywords: Geography Teaching. Learning problems. Apathy. Public School.

1 INTRODUÇÃO

O ensino de qualquer disciplina escolar está diretamente associado à utilização de metodologias, ou seja, de caminhos que ajudem os estudantes a adquirir experiências e conhecimentos acerca do mundo em que vivem. Entende-se por metodologia de ensino o campo que se ocupa da organização, controle e aplicação de diferentes métodos no processo ensino-aprendizagem, que levem os discentes a uma maior qualidade e motivação da aprendizagem. Sendo assim, cada área do conhecimento tem a sua metodologia específica.

Existem diversas metodologias de ensino que abrangem diferentes abordagens, entre elas: a Tradicional ou Conteudista, a Sócioconstrutivista, a Sóciointeracionista, entre outras. Cada uma delas possui um foco de ação.

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica.
Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

No caso do ensino de Geografia pode-se dizer que hoje em dia ainda é muito comum a adoção da abordagem tradicional, pautada na utilização frequente do método expositivo e da transmissão de conteúdos, pelo professor. Este é o caso da Unidade Escolar Desembargador Robert Carvalho Freitas, localizada na zona Norte de Teresina.

A unidade selecionada situa-se na Rua Delegado João Braz s/nº, Bairro Mafrense, próximo ao Parque Ambiental Encontro dos Rios, com capacidade para atender 480 alunos do Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, nos turnos diurno e noturno. A escola conta com sete salas de aulas, uma biblioteca, laboratório de informática, secretaria, diretoria, quadra de esportes, pátio para recreação coberto, além de sanitários para docentes e discentes.

Atendendo a uma reivindicação da comunidade local deu-se início em 1985 a construção da referida escola que só veio a ser inaugurada em 1º de junho de 1986; reivindicação esta que visava atender à grande demanda de crianças e jovens em idade escolar, necessitando de atendimento educacional, visto que, na época a única escola existente no bairro era da rede municipal de ensino e atendia somente o primeiro segmento do Ensino Fundamental I. A escola recebeu este nome em homenagem ao Desembargador Robert Carvalho Freitas, considerado importante figura para o estado do Piauí.

O motivo da referida unidade escolar, como foco desta investigação, é por se tratar do local de trabalho da pesquisadora. Contudo, soma-se a isto o consentimento da Gestão Escolar para a realização de uma pesquisa que pudesse responder quais as causas da apatia nas aulas de Geografia, pois muitos professores relatavam o desinteresse dos alunos pela disciplina em questão. Descobrir se a causa desse desinteresse dos discentes está relacionada às metodologias empregadas pelo docente em sala de aula ou pelo o fato da disciplina ser considerada irrelevante em função de apresentar caráter mnemônico, integra a problemática deste estudo.

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica./
Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

Parte-se do pressuposto que o desinteresse e a apatia dos estudantes pela Geografia podem estar associados às metodologias de ensino tradicionais que exigem a memorização de informações sem que estas estejam associadas às experiências de vida.

Esta pesquisa desenvolveu-se ao longo das disciplinas de TCC-1 e TCC-2 do curso de Licenciatura em Geografia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica-PARFOR da Universidade Federal do Piauí (UFPI). O objetivo geral desta pesquisa foi investigar as metodologias de ensino de Geografia aplicadas pelos professores do 9º ano do Ensino Fundamental II, verificando se elas contribuíram para despertar o interesse dos alunos pela disciplina em questão. Como objetivos específicos, destacam-se: identificar as metodologias utilizadas nas aulas de Geografia; caracterizar os tipos de procedimentos metodológicos; apontar as causas da apatia ou desinteresse dos alunos nas aulas de Geografia.

2 METODOLOGIAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA: REFLEXÕES SOBRE A APATIA NA APRENDIZAGEM

2.1 Abordagens no Ensino da Geografia: Geografia Tradicional *versus* Geografia “Renovada”

A preocupação com relação ao ensino de Geografia é evidente e ao longo do tempo, fez com que surgissem pesquisas que tratassem desta temática analisando as transformações ocorridas na disciplina escolar. Esta preocupação vem sendo apresentada nas últimas décadas, propiciando um constante repensar das práticas pedagógicas utilizadas por esta disciplina.

Partindo deste pressuposto, vale lembrar que essas práticas pedagógicas no âmbito da Geografia se fundamentaram em diversas abordagens a exemplo da tradicional e renovada, sendo que a primeira, se consolidou de forma muito drástica no âmbito brasileiro, sobretudo nas décadas de 1960 e 1970, com o golpe militar de

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica./ Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

64 (GERBRAN, 2003).

Kimura (2010) reforça este fato afirmando que essas abordagens foram objeto de discussões acaloradas na área educacional tanto em nível mundial quanto no território brasileiro estendendo-se a década de 1980. Contudo, percebe-se que, nos dias de hoje, ainda permanecem enraizadas sob outros olhares e com maior ou menor intensidade de tradicionalismo.

O movimento de renovação da Geografia para alguns autores foi marcado pela disputa de hegemonia de dois núcleos principais, um aglutinado a uma Geografia dita “tradicional”, que se mantinha tal como havia se estruturado nas primeiras décadas do século XX e, outro, que representava uma Geografia Nova, que buscava suplantar a tradicional, que se proclamava “crítica” (CAVALCANTI, 2010).

Desta forma, pode-se afirmar que o ensino de Geografia foi influenciado primordialmente por essas duas abordagens e por suas metodologias. Nessa direção, Kimura (2010, p.74-75) aponta ainda que:

As concepções sobre a transmissão do conhecimento julgavam que o aluno permanecia em uma relação muito passiva no ensino-aprendizagem, sendo tratado como um receptáculo vazio e dócil, pronto para ser preenchido pelo conhecimento emanado do professor, que, sendo o dono do saber, era o único a expressar-se.

Gerbran (2003) complementa descrevendo que as concepções que vincularam a trajetória do ensino pautaram-se, inicialmente, no referencial da Geografia Tradicional que, se baseava no Positivismo, sendo adotada de forma fragmentada como um ensino descaracterizado e ministrado como Estudos Sociais, conforme a Lei Federal nº 5692/71.

De tal modo, essa concepção refletia uma Geografia meramente descritiva (de paisagens e de lugares), colocada a serviço dos conceitos e do processo mecânico e mnemônico, assim, conhecida também como conteudista.

Em outras palavras, constituiu-se como uma Geografia centrada na

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica./
Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

transmissão de conteúdos e que desconsiderava os conhecimentos prévios trazidos pelo aluno. Não tinha a preocupação em articular e estabelecer relações entre o conteúdo ensinado e as relações sociais e espaciais do cotidiano experienciadas pelos estudantes.

Nas décadas de 1980-90 surgiram diferentes cenários de discussão e reflexão dando espaço a uma Geografia Nova concebendo novas questões que passaram a ser discutidas como vias de buscar propostas para a superação da antiga ordem burocrática e autoritária (CAVALCANTI, 2010).

Esse movimento atribuiu maior significado social a essa disciplina escolar abordando propostas alternativas, mais articuladas a orientações pedagógico-didáticas, definindo diferentes metodologias para o ensino da disciplina.

Conforme Kimura (2010, p.165) as polêmicas acerca da neutralidade da ciência geográfica entre os anos de 1970 e de 1990 no Brasil permitiu o surgimento, no ensino da Geografia, do que se denominou de “polissemia”¹, surgiram novas abordagens geográficas entre elas a “Geografia Crítica”, centrada na crítica ao capitalismo e cunhada no materialismo histórico dialético. A Geografia escolar assumiu um papel renovador na construção e aplicação do seu saber.

A Geografia ganhou engajamento político, deixando de lado a neutralidade característica da Geografia Tradicional. Deste modo, no que se refere à disciplina Geografia, sustentadas nos referenciais renovados, apresentaram novos caminhos no sentido de viabilizar possibilidades de uma ação pedagógica redimensionada.

As proposições apresentadas pelo Ministério da Educação (MEC), principalmente a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB de dezembro de 1996 (Lei nº 9394/96), seguiram um processo de discussões, reflexões e proposições previamente articuladas e efetivadas de forma ampla e democrática. Surgiram políticas públicas realizadas pelo MEC originando documentos oficiais

¹ A polissemia, ou polissemia lexical (do grego poli: "muitos"; sema: "significados"), é o fato de uma determinada palavra ou expressão adquirir um novo sentido além de seu sentido original, guardando uma relação de sentido entre elas. 2. Diz-se da qualidade de uma palavra ter vários significados.

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

relativos à Educação Básica no Brasil, entre eles as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Com relação a estes últimos, foram inclusos os temas transversais que deveriam perpassar por todas as disciplinas curriculares mediante diferentes práticas pedagógicas (BRASIL, 1996).

De acordo com Pontuschka (2009) foi uma das formas encontradas pelo MEC para promover a aproximação entre as várias disciplinas escolares podendo, igualmente, transformar-se em aliado para se trabalhar com temas significativos do/para o mundo atual, mais próximo da realidade vivida e percebida pelos alunos.

A Geografia escolar prestou muitos serviços à manutenção da ordem vigente, assim, na atualidade, “outras teorias consideram que a escola pode tanto desempenhar a função reprodutivista como transformadora da sociedade. A escola é, pois, contraditória e, nela, coexistem perspectivas conservadoras e inovadoras” (KIMURA, 2010, p.72).

Sob a ótica de Cavalcanti (1998) as práticas pedagógicas referentes ao ensino de Geografia a partir de suas categorias centrais: sociedade, território, lugar e paisagem; mostra o comprometimento com vista à formação crítica dos estudantes que, antes de tudo, são sujeitos numa sociedade de classe, profundamente desigual e que, portanto, produz espaços materialmente desiguais.

A Geografia, transformada numa disciplina viva, plena de desafios para educadores e educandos, passa a se constituir numa área vital de conhecimento e de formação do cidadão, tal qual o objetivo maior da educação escolar. A esse respeito Cavalcanti (1998, p. 88), assevera que “[...] o ensino de geografia visa à aprendizagem ativa dos alunos, atribuindo-se grande importância a saberes, experiências, significados que os alunos já trazem para a sala incluindo, obviamente, os conceitos cotidianos [...]”.

Compreende-se que a referida disciplina deve propiciar a observação, percepção, análise e compreensão do espaço geográfico enquanto espaço da ação

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica./
Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

humana em interação com a natureza, portanto, “a Geografia, no desenvolvimento de seus conceitos e na maneira de produzir, ensinar e relacionar-se [...] é um movimento histórico que se encontra em constante transformação”. (PONTUSCHKA, 2009, p. 145).

Sendo assim, para a citada autora o professor tem que manter um diálogo permanente com o passado, o presente e o futuro para conhecer melhor sua própria ciência e saber constituir projetos (inter) disciplinares na escola. Precisa ainda ter clareza dos aspectos teórico-metodológicos da ciência geográfica, pois essa compreensão lhe dará condições de definir os objetivos, e daí selecionar os conteúdos a serem ensinados tanto no Ensino Fundamental como em qualquer modalidade de ensino, estando preparado para trabalhar no espaço da sala de aula ou fora dela.

2.2 Apatia: problemas de aprendizagem nas aulas de Geografia

Antes de se expor as possíveis causas da apatia nas aulas de Geografia, fez-se necessário definir o que é a apatia. Entende-se por apatia a falta de emoção, motivação ou entusiasmo (FERREIRA, 2010). Este termo também é muito utilizado pela medicina e psicologia para designar a atitude do indivíduo de não expressar nem responder aos estímulos da vida emocional, social ou física.

Deve-se destacar que a apatia presente no ensino de Geografia contribui para que ela não alcance um de seus objetivos principais, que é o de contribuir para que, tanto alunos quanto professores, enriqueçam suas representações sociais e o conhecimento das dimensões social, natural e histórico do espaço. Sabendo-se que a ciência geográfica tem grande contribuição no desenvolvimento do cidadão, visto que permite compreender a organização e dinâmica do espaço geográfico, tanto em escala local quanto global. Em outras palavras, possibilita entender melhor o mundo neste processo ininterrupto de transformação. Desta forma, a Geografia enquanto campo do conhecimento possui uma linguagem própria, sendo necessário

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica./
Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

‘alfabetizar’ o aluno “[...] para que não só se aproprie do vocabulário específico desta área de conhecimento, mas, sobretudo, se capacite para a leitura-entendimento do espaço geográfico [...]” (KAERCHER, 1999, p. 12).

Em contrapartida, para compreender a atitude de apatia dos estudantes nas aulas de Geografia, deve-se reportar ao caráter conservador e classificatório desta, enquanto disciplina escolar. Além disso, é necessário entender a origem e a utilização do viés tradicional que ainda é adotado pela escola pública. O caráter conservador refere-se às metodologias de ensino que não observam o processo de crescimento individual efetivo dos alunos, utilizando-se de parâmetros da aprendizagem como a memória e os conteúdos fixados; aliás, trata da teoria distanciada da prática.

A ciência geográfica, assim como outros campos do conhecimento sistematiza os dados/informações a respeito dos fenômenos, através de quadros classificatórios ou de classificação, sendo estes, importantes para a elaboração de sínteses acerca dos fenômenos estudados. Deste modo, nenhuma forma de classificação é “natural”, pode-se, então, inovar, arriscar e fazer diferente, questionando o instituído ou repetido (FILIZOLA, 2009).

Contudo, se as classificações possuem um papel relevante na sistematização do conhecimento alguns autores afirmam que não há porque reforçá-las como objetivos da ação educativa. Isto significa dizer que não se deva eliminar qualquer forma de classificação ou de memorização no ensino. Pois, sem a memorização se teria dificuldade para desempenhar algumas tarefas no dia a dia.

Apesar de sua importância, muitos estudantes não apreciam as aulas, o que se verifica no cotidiano escolar é que o estudante chega com a expectativa de conhecer algo novo, no entanto, sente-se frustrado, pois se depara com aulas monótonas e repetitivas tomando aversão pela disciplina em questão. Tapia e Fita (1999) defendem a ideia de que o interesse do aluno não depende de um único fator e que a motivação está ligada à interação dinâmica e aos contextos em que as

tarefas escolares se desenvolvem.

Para que uma aula seja considerada “perfeita” não há uma receita pronta e acabada, o que se deve compreender é que o processo de ensino e aprendizagem pressupõe além dos conteúdos específicos da disciplina, a utilização de métodos e estratégias que viabilizem a aprendizagem tornando-se interessante aos olhos do aluno e satisfatório aos objetivos da docência.

Porém, acima de tudo, é fundamental que se considere que a aprendizagem é um processo lento e as ações que se sucedem devem necessariamente ser direcionados à construção do conhecimento mediado pelo professor colocando o aluno como sujeito ativo.

Assim, Callai (2000, p. 93) aponta que “o professor precisa ter clareza tanto do processo pedagógico como conhecer bem os conteúdos a serem trabalhados”. A autora destaca ainda que este processo nas aulas de Geografia supõe igualmente, uma relação de diálogo entre docente e educando que pode se dar a partir de opiniões distintas acerca de determinado assunto, porque o docente continua sendo docente, o responsável pelo planejamento e aplicação das atividades, criando oportunidades para que se efetive realmente o planejamento- diálogo-ação-reflexão.

Retomando Tapia e Fita (1999) ajudam a perceber quais seriam as causas da apatia tomando como alicerce relevante à questão, a falta de motivação escola. Em primeiro lugar, defendem que o interesse do aluno não depende de um único fator. A motivação está ligada à interação dinâmica entre as características pessoais e os contextos em que as tarefas escolares se desenvolvem. A atuação dos professores, a partir da consciência das determinantes psicossociais, pode interferir, reforçar ou anular os padrões motivacionais dos alunos. Segundo, focalizam o papel do professor na motivação dos alunos. Saber motivar pressupõe saber como os alunos aprendem.

Neste sentido, o interesse dos alunos pode também estar atrelado às decisões que o professor toma ao tentar encontrar caminhos que solucionem os

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica./
Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

empecilhos na aprendizagem. Portanto, acredita-se que a motivação escolar embora seja um fenômeno complexo, deve ser alvo de interesse.

Em razão dos inúmeros entraves que enfrentam no trabalho, alguns docentes se sentem inseguros e se põem diante de uma postura conservadora, cujas atitudes e ações são rotineiras e repetitivas configurando-se em “rituais” na sala de aula (Dá bom dia, faz a chamada, coloca o conteúdo na lousa etc.), utilizando sempre os mesmos materiais: quadro, pincel e livro didático, desistindo de explorar novos caminhos.

Dentre as várias preocupações pertinentes ao ensino escolar existem aquelas específicas dos professores de Geografia, que permitem elencar três questões fundamentais, as quais se destinam, primeiramente, ao aluno e sua motivação para a aprendizagem, apontando a ansiedade por parte dos professores em encontrar alunos motivados e com interesse pela matéria.

Outra preocupação a ser destacada é a das condições de trabalho, sobretudo na escola pública, associadas a um lugar repleto de problemas, entre eles, relacionados às condições de infraestrutura, das relações de convivência (a violência, o distanciamento entre alunos, professores, pais, etc.), à formação docente, de salário. Às vezes, parece que não há saída para tantos problemas e que eles são insolucionáveis.

Apesar dessas dificuldades, Kimura (2010) afirma ser relevante refletir sobre a questão da apatia e dos procedimentos metodológicos utilizados nas aulas de Geografia. Nessa perspectiva, vêm à tona alguns questionamentos, tendo em vista o que seria mais válido: um conteúdo tradicional e uma metodologia de ensino inovadora, ou, uma metodologia tradicional e um conteúdo inovador?

3 METODOLOGIA

A metodologia empregada para a realização deste estudo se assentou sobre as bases científicas da pesquisa de campo. Dentro deste contexto, o referido estudo

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica./ Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

utilizou a metodologia qualitativa e quantitativa.

As pesquisas quantitativas e qualitativas oferecem perspectivas diferentes, mas não são opostas. De fato, representam abordagens que podem ser utilizadas em conjunto, com vista à temática em questão, obtendo mais informações sobre o tema investigado. Pois, as pesquisas qualitativas são exploratórias, levantando dados através do uso de técnicas específicas como a entrevista, na qual os informantes são estimulados a pensar livremente sobre o tema expressando-se de maneira espontânea. Já as pesquisas quantitativas são mais adequadas para apurar opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados, pois utilizam como instrumentos formulários estruturados.

À luz da temática proposta, a referida investigação, foi subdividida em três etapas básicas: a) levantamento bibliográfico que serviu de embasamento teórico para a proposta em questão; b) trabalho de campo: procedimentos de coleta de dados através da observação direta e dados informais, aplicação de técnicas de entrevista e formulário; c) e, por fim, tabulação e análise dos dados coletados.

O levantamento bibliográfico foi realizado ao longo de todo o processo de pesquisa e as obras (livros, apostilas, artigos, anais de congressos etc.) foram levantadas através dos meios virtuais, utilizando-se sites de busca, além dos tradicionais. Os textos relacionados foram lidos, sendo realizados fichamentos de citação e de conteúdo com comentário.

O trabalho de campo foi executado ao longo do 2º semestre de 2013, momento em que se efetivou também o Estágio Supervisionado. A observação direta, sistemática da unidade escolar e da dinâmica de sala de aula, ocorreu durante os meses de agosto e setembro.

As observações foram registradas em caderno de campo e acrescidas das informações obtidas através de entrevista e formulário. Fizeram parte da amostragem a pedagoga escolar, a professora de Geografia, e a turma de 9º ano composta de 20 (vinte) alunos.

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica.
Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

As entrevistas continham questões subjetivas, que tratavam sobre a percepção da docente e pedagoga acerca das causas da apatia dos alunos nas aulas de Geografia, as metodologias utilizadas em sala de aula e o que afeta o aprendizado destes estudantes. Com relação aos discentes, foram usadas questões de múltipla escolha, direcionadas a identificação das metodologias de ensino adotadas pelo professor e a dificuldade na maneira dele ensinar esta disciplina, entre outras. Todos os formulários respondidos pelos alunos e as entrevistas realizadas com a docente e a pedagoga foram analisados posteriormente.

Após a coleta dos dados procedeu-se a tabulação dos formulários transformando as informações em dados numéricos expressos por meio de quadros e gráficos. As entrevistas foram analisadas qualitativamente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa se concentrou na turma do 9º ano A, do turno manhã, da referida unidade escolar, sendo realizada através de observação direta, aplicação de formulários aos discentes, e entrevistas junto à professora e pedagoga atuantes na referida escola pública de Teresina, Piauí.

A referida pesquisa contou com uma população de profissionais com vínculo empregatício efetivo, com regime de 40 h e há mais de 10 anos de atuação na área educacional. As entrevistas foram feitas segundo um roteiro previamente elaborado, que continham 12 questões semiestruturadas. As mesmas durante tabulação de dados foram divididas no que se denominou de tópicos. Cada tópico contemplou um aspecto que se pretendeu estudar mais especificamente e que, após o tratamento dos dados, forneceriam informações suficientes para uma conclusão. Entre eles destacam-se: as causas da apatia no ambiente escolar; quais metodologias de ensino são utilizadas em sala de aula; o que está dificultando o aprendizado dos discentes entre outros.

O primeiro ponto de análise das entrevistas realizadas se referiu às

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica./
Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

principais causas da apatia no ambiente escolar. Nesta perspectiva, ficou visível que tanto docente quanto pedagoga, em certos momentos convergem em seus depoimentos, conforme os relatos descritos no Quadro 1.

Quadro 1 - As causas da apatia no ambiente escolar

Professora	Falta de motivação, indisciplina, ausência da parceria família-escola, a própria didática do professor.
Pedagoga	A apatia pode ser causada pela falta de motivação ou entusiasmo devido à postura do professor, causas emocionais e psicológicas, métodos mal aplicados, etc.

Fonte: Pesquisa Direta (2013).

Nota-se que ambas apresentam as opiniões similares divergindo somente com relação às questões emocionais e psicológicas elencadas pela pedagoga para contrapor a da docente.

Levando em consideração as respostas dos alunos sobre este tópico pode-se verificar, com base nas informações obtidas em caráter informal (conversa casual com os estudantes na hora do intervalo) que 35% relataram a indisciplina; 17% afirmaram o vocabulário do professor; 15% referiram-se a postura do professor; 12%, a falta de projetos mais dinâmicos e atrativos; 13% se referiram à falta de apoio da direção escolar; e, 8% apontaram o excesso de conteúdo.

Após a análise dos depoimentos de dois estudantes, percebeu-se que o Estudante 1 está inserido nos 35% que relataram como uma das causas da apatia na escola a indisciplina, ao mesmo tempo, ela apontou que é a bagunça dos colegas este fator. Já o Estudante 2 apontou o vocabulário do professor quando fala: “[...] o que a professora fala e não se entende” (Quadro 2).

Quadro 2 – Visão dos estudantes sobre as causas da apatia em sala de aula

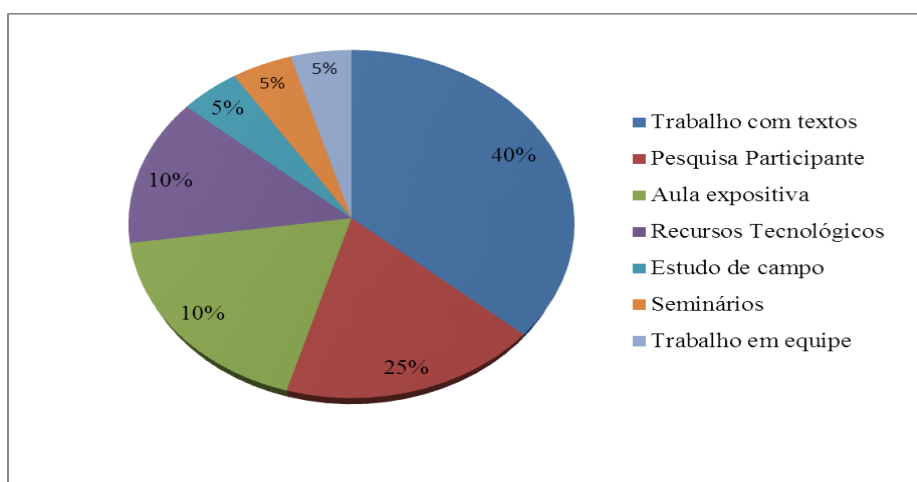
Estudante 1	“ Indisciplina. A bagunça que os colegas fazem em sala de aula”.
Estudante 2	“As aulas teóricas e o que a professora fala não se entende”.

Fonte: Pesquisa Direta (2013).

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica./ Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

Ao serem abordados sobre que procedimentos metodológicos são utilizados por seu professor em sala de aula os alunos responderam, respectivamente: 40% - trabalho com textos; 25% - pesquisa participante²; 10% - aula expositiva; 10% - recursos tecnológicos; 5% - estudo de campo (metodologias apontadas pela pesquisadora e escolhidas por ordem de votação) e outras acrescentadas por eles como 5% - seminários e 5% - trabalhos em equipe. Assim, observa-se mais claramente no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Procedimentos metodológicos utilizados pelo professor em sala de aula



Fonte: Pesquisa Direta (2013).

Por meio da observação direta em sala de aula pode-se perceber o comportamento indiferente dos estudantes nas aulas de Geografia como, por exemplo, o uso do celular, saídas constantes da sala, sonolência, cansaço etc. Este fato assinalou que em certos momentos as metodologias empregadas pela docente não instigaram a aprendizagem dos discentes.

² Pesquisa Participante busca envolver aquele que pesquisa e aquele que é pesquisado no estudo do problema a ser superado, conhecendo sua causa, construindo coletivamente as possíveis soluções, sendo feita com o envolvimento do sujeito-objeto (pesquisador e pesquisado). MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 23 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

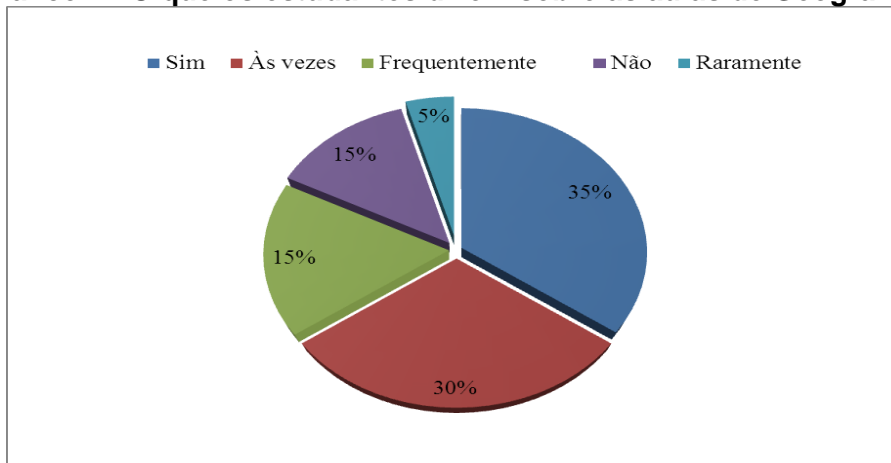
Segundo a docente, os procedimentos metodológicos que aplica em sala de aula são: aula expositiva e dialogada, estudo dirigido, grupo de discussão, filmes, trabalho com textos, música, entre outros; que, de acordo com ela, ajudam os alunos na apreensão dos conteúdos de Geografia.

A pedagoga, por sua vez, reforçou que a apatia pode estar relacionada às metodologias de ensino empregadas pelos professores em sala de aula, principalmente, na disciplina de Geografia. Em sua fala afirmou o seguinte: “a escola sofre reflexos do meio em que está inserida, assim, algumas disciplinas são consideradas menos interessantes aos alunos e menos cobradas pela família”.

Outro fato importante, no relato da professora, é que a mesma apontou que, nos dias atuais, muitos alunos e professores se comportam de maneira apática e sem interesse nenhum, visto que, trazem para o ambiente escolar, outros problemas, muitos deles de âmbito pessoal como: mau humor, cansaço, excesso de trabalho, noites mal dormidas e até questões emocionais.

Observa-se, no Gráfico 2, o que os estudantes disseram sobre as aulas de Geografia. As respostas foram assim distribuídas:

Gráfico 2 - O que os estudantes dizem sobre as aulas de Geografia



Fonte: Pesquisa Direta (2013).

Na leitura do gráfico anterior se percebeu que 35% dos estudantes

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica./ Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

consideram as aulas de Geografia interessantes e que podem levá-los a aprender o seu conteúdo, 30% afirmaram que “às vezes” isto acontece, e os demais relataram que não é interessante.

A pedagoga relatou que lutar contra a apatia na escola é difícil, pois não se reflete apenas no alunado, mas também no corpo docente desmotivado pela falta de infraestrutura, material e salário melhor. O que ela propôs como sugestão foi trabalho diversificado que a escola e professores podem fazer, através de pequenos projetos e a mudança de sua prática contando com o planejamento e autoavaliação.

Outro ponto relevante, apresentado pela referida pedagoga, referiu-se à dinamicidade do mundo. Concorre-se com as diversas mídias, programas de TV, Internet e jogos eletrônicos, entre outros. Estes são mais atrativos do que as aulas propostas pelos docentes, pois, por mais que a escola tenha recursos tecnológicos disponíveis, ainda, há professores que temem usá-los em sala de aula e preferem empregar os recursos habituais para não fugir da rotina (Quadro 3).

Quadro 3 - Atratividade dos recursos tecnológicos disponíveis na escola

Pedagoga	“Os recursos estão disponíveis na escola, mas poucos professores utilizam. Somente aqueles que detêm conhecimento de informática e, outros, não gostam de usá-los”.
Professora	“Esses meios tecnológicos são mais interessantes e atrativos a eles, indo ao encontro de seus próprios objetivos e interesses.”

Fonte: Pesquisa Direta (2013).

O cenário acima destacado ocorre frequentemente na escola pesquisada, sendo preocupante para o ensino de Geografia, logo ela, que lida com o espaço. Levar tais recursos para dentro da escola, não é só uma forma de tornar as aulas mais próximas da realidade dos estudantes, mas, também, de problematizar as informações que são transmitidas por estes veículos. A esse respeito, Silva (2011, p.17-18) destaca que:

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica./ Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

[...] os recursos didáticos [...] podem contribuir para o resultado do processo de ensino aprendizagem. Assim, para tornarmos esse processo mais próximo da realidade contemporânea é interessante nos apropriarmos dos produtos culturais dessa sociedade e torná-los recursos de ensino. A esses recursos estamos denominando de “não convencionais” [...] materiais utilizados ou utilizáveis pelos professores da Educação Básica, mas que não tenham sido elaborados especificamente para esse fim. Em geral são produções sociais, com grande alcance de público, que revelam o comportamento das pessoas em sociedade ou buscam refletir sobre esse comportamento. Para exemplificar, podemos mencionar os meios de comunicação, tais como: o rádio, a televisão, os jornais e a internet ou, ainda, as produções artísticas em geral, o cinema, a poesia, a música, a literatura de cordel, a fotografia, artes plásticas em geral e as histórias em quadrinhos.

É notório que o uso de recursos como a televisão, o rádio, o computador, a fotografia dentre outros, criam oportunidade do professor empregar metodologias mais criativas que superem o “clássico” uso do quadro. Importante frisar que toda técnica precisa estar baseada em objetivos e conduzida por estes, portanto, dando efeitos significativos sobre o ensino. Sem isso, de nada adianta o uso de metodologias ditas inovadoras. Cavalcanti (2009, p.48) aponta que:

Nessa concepção, as reflexões e as decisões tomadas a respeito de conteúdos de ensino não podem estar separadas da opção metodológica adotada e de suas implicações do ponto de vista dos resultados do trabalho docente que são esperados com o desenvolvimento daqueles conteúdos. [...] um processo dinâmico que envolve três elementos fundamentais: o aluno, o professor e a matéria. Os três elementos estão interligados, são ativos e participativos, sendo que a ação de um deles influencia a ação dos outros.

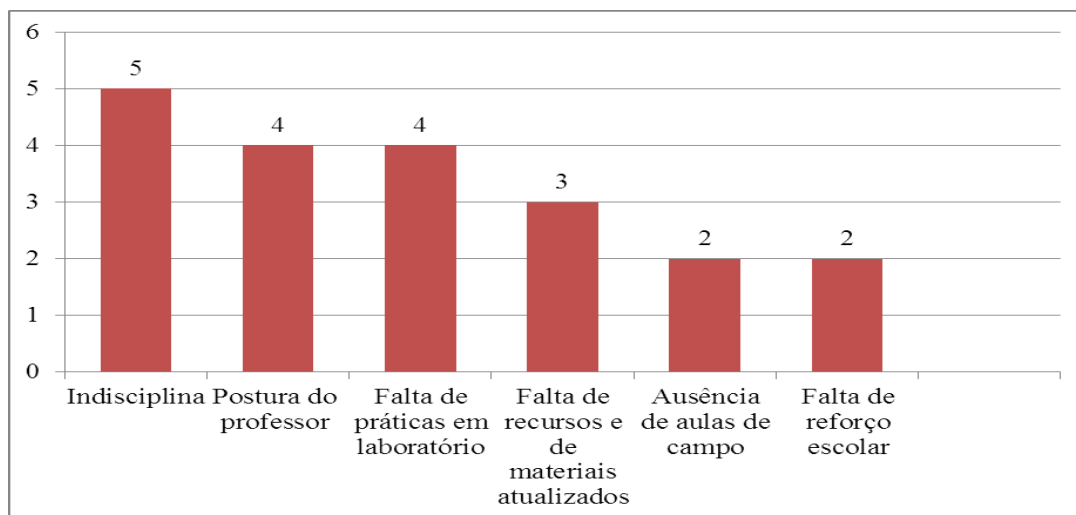
Notou-se que a professora também assinalou que os recursos tecnológicos, de certa forma, atraem mais os estudantes, porque, segundo ela, estes vão ao encontro de seus interesses e apresentou o uso do celular e do facebook como exemplo destes instrumentais. Dentro da escola há meios como Datashow e aulas de laboratório que podem ser outras ferramentas educacionais úteis para a

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica./
Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

aprendizagem e que, às vezes, são utilizadas por ela.

Outro aspecto relevante aludiu-se ao que está realmente dificultando o aprendizado dos estudantes na disciplina de Geografia e em descobrir se as metodologias são uma das causas. Inicialmente foram analisadas as respostas dos discentes conforme o Gráfico 3.

Gráfico 3 - O que está dificultando o aprendizado dos estudantes na disciplina de Geografia



Fonte: Pesquisa Direta (2013).

Neste caso, se observou que dos vinte estudantes questionados, 5 disseram que seria a indisciplina; 4 contaram que era a postura do professor; 4 relataram a falta de práticas em laboratório; 3 consideraram a falta de recursos e de materiais atualizados; enquanto 2 estudantes apontaram a ausência de aulas de campo; e 2 afirmaram a falta de reforço escolar.

Já na opinião da professora seria a falta de empatia do aluno que está dificultando o aprendizado dos estudantes na disciplina de Geografia. Na sua concepção, a apatia é uma condição que revela um estado emocional de indiferença. Por sua vez, apatia e empatia são dois estados emocionais opostos que podem alterar o modo como os indivíduos interagem. A pedagoga rebateu relatando

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica./ Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

que seriam a indisciplina escolar, a prática do professor (em algumas situações), o uso de recursos disponíveis pouco atrativos, que poderiam estar influenciando e distanciando o alunado de uma aprendizagem significativa.

Porém, é o caso de se questionar, então, por que os alunos não mostram interesse especial pelos conteúdos da disciplina, limitando-se ao cumprimento formal das obrigações escolares. Pois, a Geografia, antes de tudo, contempla a diversidade da experiência do indivíduo na produção espacial, as questões espaciais que estão sempre presentes no cotidiano de todos eles, sejam as dimensões globais ou locais. Trata-se de,

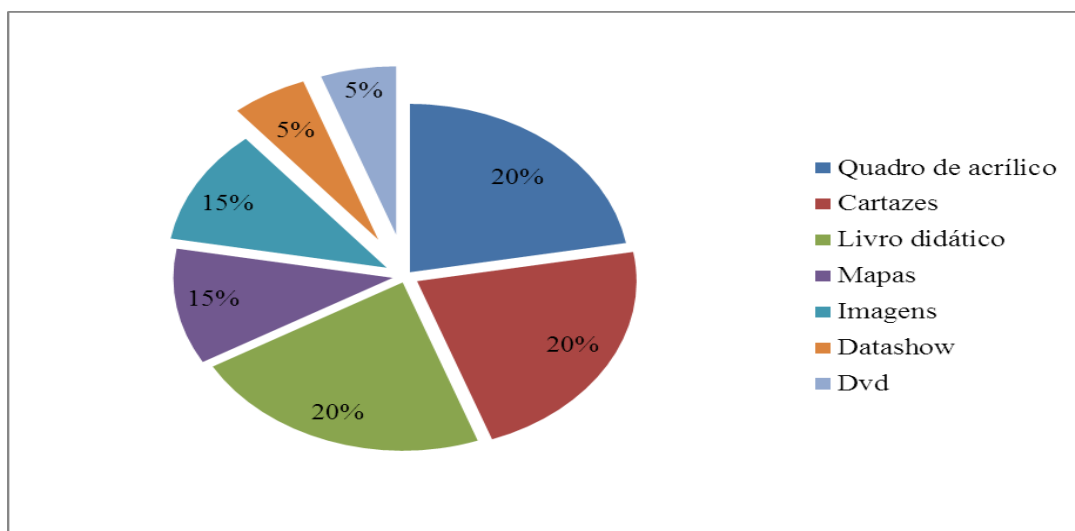
[...] ensinar as bases da ciência, [...] em que os conteúdos da ciência se transformam em conteúdos de ensino. Há, pois uma autonomia relativa dos objetivos sociopedagógicos e dos métodos de ensino, pelo que a matéria de ensino deve organizar-se de modo que seja didaticamente assimilável pelos alunos, conforme idade, nível de desenvolvimento mental, condições prévias de aprendizagem e condições (CAVALCANTI, 1998, p. 22).

Estas dificuldades fomentadas por parte de professores também desmotivados acarretam preocupações a eles mesmos e fazem com que a cada dia os discentes se tornem mais 'apáticos' e desinteressados nas aulas de Geografia. Mesmo tendo metodologias inovadoras, os conteúdos tradicionais continuam os mesmos e a questão de se seguir à risca o cronograma de conteúdos, sem flexibilidade e sem replanejamento, têm sido constante.

Além disso, para confirmar ou contrapor o que foi exposto, os discentes apontaram alguns recursos utilizados em sala de aula, pela professora de Geografia (Gráfico 4).

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica.
Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

Gráfico 4 - Recursos utilizados em sala de aula



Fonte: Pesquisa Direta (2013).

Com relação aos recursos utilizados pelo professor 20% apontaram o uso do quadro de acrílico, cartazes e o livro didático; 15%, mapas e imagens; 5% datashow e DVD. Nesta perspectiva, ficou visível a pouca flexibilidade metodológica para nortear a prática da docente para instigar a curiosidade do aluno e envolvê-lo no processo educativo. Os estudantes não estão conseguindo aprender o que está sendo ensinado e anseiam por uma escola mais atrativa. Ainda não perceberam, mesmo que a professora se julgue atuante, que ganho terão com o estudo, frente ao esforço que têm de fazerem para frequentar as aulas.

Observou-se ainda que existam outros obstáculos à permanência dos discentes nas aulas de Geografia como: baixa condição socioeconômica, distorção idade-série, baixa escolaridade da família, etc. Isto não significa dizer que estes fatores são os principais motivos associados à apatia do aluno no ambiente escolar.

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica./
Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

O Quadro 4 apresenta as falas dos Estudantes 3 e 4 acerca dos recursos utilizados pela docente, onde afirmaram o seguinte:

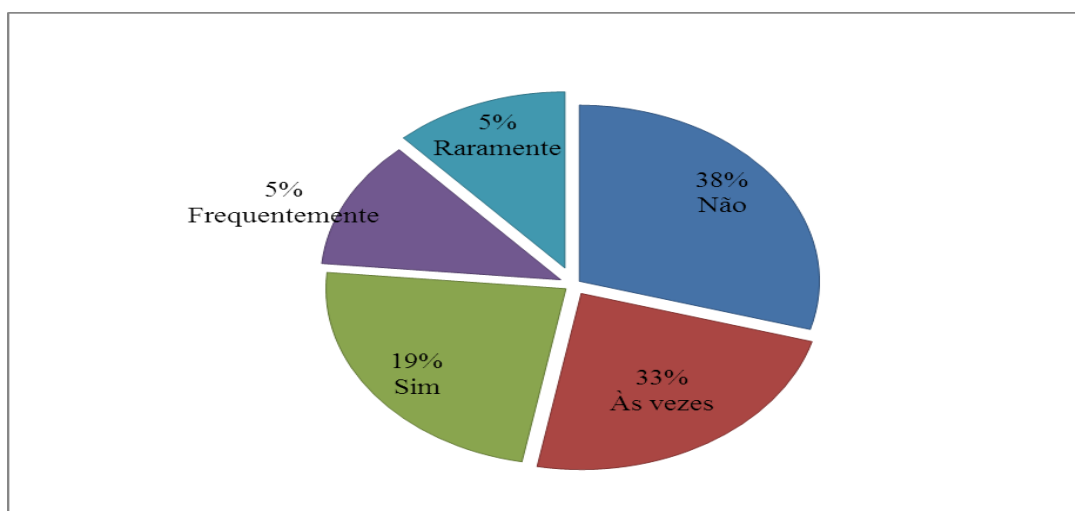
Quadro 4- Fala dos estudantes sobre os recursos utilizados pela docente em sala de aula

Estudante 3	“Tem assuntos, mesmo com todos os recursos que a professora traz, que não me interessam”.
Estudante 4	“Gosto da aula, mas ela deveria ser mais interessante com DVD,vídeo e etc.”

Fonte: Pesquisa Direta (2013).

Quando questionados sobre a dificuldade na maneira do professor ensinar Geografia deram as seguintes respostas: 38% não sentem dificuldade nas aulas de Geografia; 33%, às vezes; 19%,sim; 5%, frequentemente e mais 5% , raramente (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Dificuldade na maneira de aprender Geografia



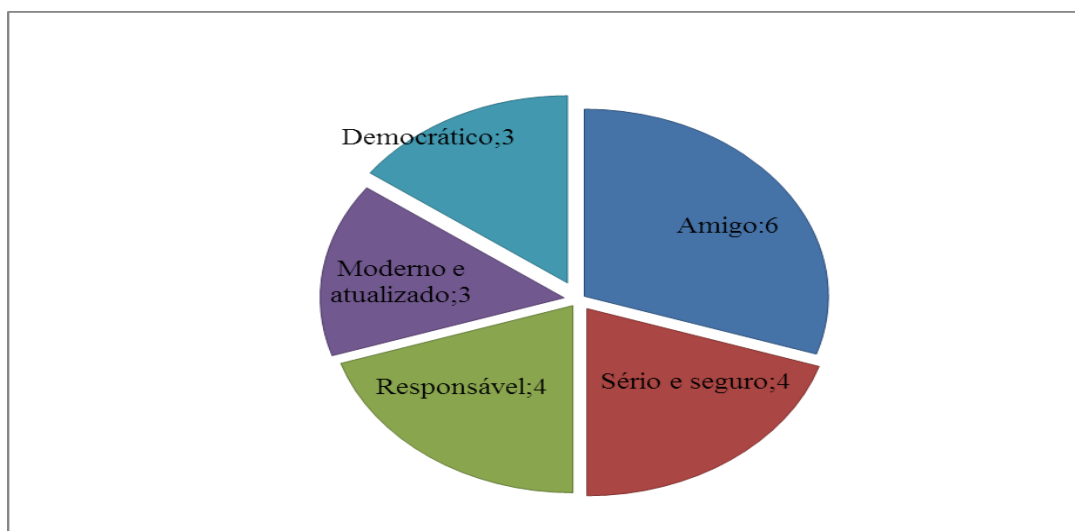
Fonte: Pesquisa Direta (2013).

Contudo, os alunos consideraram a aula interessante e divertida. Segundo eles é que a professora ensina bem, destacando a Geografia como disciplina importante para se aprender sobre o mundo, mas ao mesmo tempo, sentem certa

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica./ Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

difficuldade, pois há muita explicação e excesso de tarefas e que muitos fazem sem compreenderem o assunto. Deste modo, definiram seu professor como nas informações expostas no Gráfico 6.

Gráfico 6 - Como define seu professor



Fonte: Pesquisa Direta (2013).

Os dados antes discutidos destacaram que a professora utiliza as metodologias nas atividades pedagógicas (gincanas, feiras culturais, etc.) como: seminários, discussões, dramatizações, tentando tornar as aulas menos desinteressantes. No entanto, ainda falta planejar mais aulas de campo. Sendo assim, Somma (apud CASTROGIOVANNI, 1999, p.162) diz que “é difícil para o professor ensinar e investigar simultaneamente, mas é possível realizar uma ação reflexiva que indique uma atitude permanente de busca de elementos que facilitem o ensino. Essa busca inclui a descoberta das dificuldades que nós mesmos geramos”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo investigativo realizado partiu do pressuposto que a apatia dos estudantes pela Geografia poderia estar associada às metodologias de ensino tradicionais, que exigem a memorização de informações, sem que estas estejam

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica./ Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

associadas às experiências de vida. Ao se partir a campo, constatou-se que a docente utiliza recursos como: filmes, seminários, discussões, dramatizações tentando tornar as aulas menos desinteressantes. No entanto, mesmo com recursos variados ainda persiste, um ensino calcado nos métodos tradicionais, faltando-lhes mais planejamento, em especial, planejar mais aulas de campo.

Na leitura dos Gráficos 1 e 3 percebeu-se certa divergência nas respostas dos discentes, pois ao darem sua opinião sobre que metodologias de ensino são utilizadas em sala de aula estes apontaram muitos procedimentos metodológicos aplicados por sua professora, contudo, no último, com relação ao que está dificultando o seu aprendizado na disciplina de Geografia eles responderam que são, entre outras: a falta de recursos e de materiais atualizados; e a ausência de aulas de campo, sendo que os mesmos apresentaram que a docente utiliza, em conjunto com as aulas expositivas, outras metodologias educativas, tais como a pesquisa participante.

A respeito da prática docente em sala de aula, percebeu-se esta dependente a memorização e em certos momentos distantes da realidade dos estudantes. O desafio de se planejar ações para solucionar a apatia nas aulas de Geografia é deveras ineficaz, porque investir em apenas um ou dois dos aspectos, que fazem com que os discentes não se interessem pela disciplina em questão parece inútil, pois uma escola que ensina, mas não é atrativa não terá a força necessária para impedir o desinteresse, a indisciplina escolar ou até mesmo a perda dos alunos.

Constatou-se ainda que os alunos sentem a necessidade de algo novo a ser oferecido pela escola que pudesse diminuir a tendência da apatia, a percepção de ganhos, o melhor entendimento dos benefícios futuros trazidos pela escolaridade, conseqüentemente o menor risco de abandono. Apesar das dificuldades de aprendizado e da falta de motivação, a intenção de vencer a apatia está fortemente presente entre os entrevistados (docentes e discentes).

A pesquisa identificou os fatores que podem estar influenciando no

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica./
Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

desinteresse dos estudantes. Estes podem estar sendo causados sim pelas metodologias mal empregadas, mas não é um dos maiores vilões o que se descobriu é que a falta de acompanhamento dos pais, a condição socioeconômica e a fobia de não conseguirem melhores oportunidades profissionais com a promoção para o Ensino Médio e a continuação dos estudos; estar afetando o seu aprendizado e dificultando o trabalho em sala de aula que se compete apenas às metodologias e seus recursos mal utilizados, porque de acordo as observações nem todos os alunos aprovam metodologias ditas inovadoras que não conseguem atingir os objetivos atribuídos à disciplina de Geografia.

Evidenciaram-se na escola, diversos projetos que buscam a melhoria do ensino, contudo, estes não atingiram a totalidade dos estudantes. O levantamento destas informações constituiu um instrumento relevante para o desenvolvimento de futuras intervenções por se tratar do local de trabalho de uma das pesquisadoras deste artigo.

Portanto, a identificação dos entraves anteriormente citados, sobretudo às questões de ordem pessoal como mau humor, cansaço, excesso de trabalho, emocionais etc., sinalizou e instigou a busca de possíveis soluções por parte da docente (a renovação das metodologias), tendo como meta a melhoria da qualidade das aulas da disciplina em questão, ao mesmo tempo, contribuir para o maior interesse dos alunos pelo ensino de Geografia, resultando na diminuição da apatia.

Referências

ABUD, M. J.M. Saberes Didáticos que se fazem necessários na Formação de Professores. In: ALVES, C.P. SASS, O. (Org.). **Formação de professores e campos do conhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p.130-152.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O Professor Pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BITTONI, M. M. S. **Geografia**: ensino fundamental. Brasília: MEC, 2010. (Coleção Explorando o Ensino, v.22).

CASTROGIOVANI, A. C.; CALLAI, H.C. SCHAFFER, N.O; KAERCHER, N. A. **A Geografia em Sala de Aula**: práticas e reflexões. (Org.). Porto Alegre: AGB, 1999.

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.

_____. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano.** Porto Alegre: Mediação, 2000.

_____. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (Org.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** 4. ed. Campinas: Papirus, 1998.

_____. **Geografia e práticas de ensino.** Goiânia: Alternativa, 2002.

_____. **A Geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida cotidiana.** Campinas: Papirus, 2009.

_____. A Geografia e a Realidade Escolar Contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO: PERSPECTIVAS ATUAIS, 1. **Anais...** Belo Horizonte, nov./ de 2010. Disponível em: <<https://www.google.com.br/perspectivas+atuais+do+ensino+de+geografia.+semin%c3%81rio+nacional%3a+curr%C3%ADculo+em+movimento.+1.+anais.+belo+horizonte%2c+nov.%2f+de+2010.>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

FILIZOLA, R. **Didática da Geografia: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação.** Curitiba: Base Editorial, 2009.

GEBRAN, R.A. A Geografia no Ensino Fundamental- trajetória histórica e proposições pedagógicas. **Revista Científica do Oeste Paulista**, Unoeste, Presidente Prudente. v. 1, n. 1, jul./dez. 2003. Disponível em: <revistas.unoeste.br/revistas/ojs/index.php/ch/article/viewFile/186/90.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2013.

KAERCHER, N. A. **Desafios e utopias no ensino de geografia.** 3. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

KIMURA, S. **Geografia no ensino básico: questões e propostas.** 2. ed. São Paulo:Contexto, 2010.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T.I. CACETE, N.H. **Para ensinar e aprender Geografia.** 3. ed. São Paulo:Cortez,2009.

SILVA, J. S. e. **Construindo ferramentas para o ensino de geografia.** Teresina: EDUFPI, 2011.

TAPIA, J. A.; FITA, E. C. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz.** 4. ed. São Paulo: Loyola, 1999. Disponível em: <<http://www.kilibro.com/en/book/preview/10587/motivacao-em-sala-de-aula-a>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p.33-58, jul. / dez. 2015.